



ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL  
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS



# *A MAÇONARIA PRIMITIVA*

Márson Alquati

**A MAÇONARIA PRIMITIVA**

© 2019 by Márson Alquati.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Autorizo a reprodução e divulgação total e/ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**G002a2**

Alquati, Márson, 1972 –

**A Maçonaria Primitiva** / Márson Alquati – 2019. – Nova Roma do Sul, RS – Entre Colunas: Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas: História da Maçonaria/Origens da Maçonaria.

16 páginas.

1. Maçonaria. 2. Maçonaria Primitiva. 3. História Antiga. 4. Origens da Maçonaria. 5. Sociedades Secretas. 7. Corporações de Ofícios.

**G002a2**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**Como citar este documento:**

ALQUATI, Márson. *A Maçonaria Primitiva*. In: História da Maçonaria: Origens da Maçonaria. Nova Roma do Sul, RS: Entre Colunas Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas, 2019. Disponível em: <https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>. Acessado em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

Acesse outros trabalhos do autor:

<https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>

## SUMÁRIO

I – A MAÇONARIA PRIMITIVA.....	04
II – AS CORPORAÇÕES DE OFÍCIO PRIMITIVAS.....	07
a. Fraternidade de Artesãos Dionisíacos.....	08
b. Os Collegia Fabrorum.....	08
c. Os Comancini.....	10
d. Corps d’Etat.....	11
e. Compagnonnage.....	11
f. Steinmetzen.....	11
g. Guildas Inglesas.....	11
h. Grêmios Mercantis.....	14
III – O ESQUADRO DE LIMERICK.....	14
IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
V – BIBLIOGRAFIA.....	16



# ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL  
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS



## *A MAÇONARIA PRIMITIVA*

Período que abrange o conhecimento herdado do passado mais remoto da Humanidade até o advento da Maçonaria Operativa. Há quem busque nas primeiras civilizações a origem iniciática. Outros buscam no ocultismo, na magia e nas credences primitivas a origem do sistema filosófico e doutrinário. Mas o que realmente importa é que a arte do trabalho na pedra, que forma a essência simbólica e filosófica da Maçonaria contemporânea, é, na verdade, muito mais antiga do que podemos imaginar.

**A MAÇONARIA PRIMITIVA**

Milênios se passaram, civilizações inteiras floresceram e depois desapareceram. A tudo o tempo implacavelmente devorou; e a maior parte das obras criadas pelo homem acabou consumida pelo inexorável andar da “*Roda do Destino*”. Porém, das construções humanas, as que mais resistiram ao irrefreável suceder das gerações foram as obras e habitações erigidas para os seus deuses ou para guardar os seus restos mortais.

De todas as grandes civilizações do passado, o que resta são as ruínas de alguns dos seus templos e dos seus “cemitérios”. E são justamente estas edificações, inicialmente erigidas para atender à aspiração humana de poder viver eternamente, presente desde o início dos tempos na memória dos homens, que transparece o sentido metafísico da Arte Real, já que nelas o que se imprime é uma iconografia atribuída aos deuses e ao espírito, vinculada à ideia de imortalidade.

Com efeito, pouco resta dos monumentais palácios erigidos para o conforto dos reis e potentados humanos ou das casas onde residiram os seus construtores. Mas as ruínas dos grandes templos da antiguidade e as majestosas tumbas construídas para o sepultamento dos seus restos mortais ainda hoje se encontram pelos quatro cantos do mundo, testemunhando a magnitude da inteligência dos primitivos “maçons” daqueles tempos.

De fato, as primeiras formas de construções erigidas pelos agrupamentos humanos, depois de deixarem as cavernas, foram as palafitas, residências rústicas de madeira erguidas nas margens dos rios e grandes lagos. Em seguida, foram empregadas as pedras, primeiro em sua forma bruta; e depois trabalhadas.

A edificação com pedras brutas marcaria o início da estabilidade do homem sobre a terra, pois representaria o despertar do seu sentimento gregário, marcado pela fixação permanente a um ambiente, juntamente com o desenvolvimento de ferramentas para auxiliá-lo no trabalho, assim como o advento da agricultura e da

**A MAÇONARIA PRIMITIVA**

pecuária, que lhe permitiram acomodar-se em um determinado local, sem prejudicar o seu fornecimento de alimento.

Já a construção com pedras trabalhadas ou lavradas lhe deu certa identificação com o ambiente, pois a partir daquele momento o mundo em que vivia começava a impregnar-se de algo que ele era capaz de criar com as próprias mãos. Assim, a pedra sempre foi, para o homem, um objeto de estranhas propriedades. Nela, ele era capaz de sentir um imenso poder de resistência, de longa durabilidade e de relativa maleabilidade, pois além de assumir as formas produzidas pela natureza e pelas suas mãos e ferramentas, ainda parecia ser perene e capaz de resistir a todas as intempéries. Trabalhá-la, dando-lhe formas úteis e agradáveis às vistas tornou-se uma espécie de ritual, onde a mente do “pedreiro” invariavelmente associava-se à matéria que era trabalhada para criar o universo real que o cercava.

Nas pedras e através delas e das formas que a elas eram dadas, se cultuavam os deuses, escreviam-se as suas leis e os seus mandamentos, eternizava-se a memória dos seus antepassados e dos seus entes queridos, assim como a beleza das formas do gênero humano. Com elas também se erguiam as muralhas que serviam de defesa e proteção contra os inimigos; sem contar que algumas espécies de pedras fizeram a riqueza de homens e reinos.

Podemos concluir então que o culto à pedra e a mística inerente ao trabalho nela impetrado sempre estiveram presentes nas tradições dos povos, desde o início dos tempos. Não é à toa que os antigos alquimistas simbolizavam numa pedra a essência da sua obra filosófica. A “*Pedra Filosofal*”, segundo eles, continha a alma da natureza, capaz de transmutar metais simples em ouro.

Ainda a respeito da transcendência do trabalho na pedra é curioso observarmos que, pelo mundo todo, aqueles “maçons primitivos” deixaram as suas marcas

**A MAÇONARIA PRIMITIVA**

de forma indelével e permanente. Em várias regiões da França, machados e outros instrumentos utilizados na arte da construção, feitos de pedra polida, foram encontrados debaixo das fundações de várias catedrais e cidades.

Na ilha da Páscoa, da mesma forma, inúmeras ferramentas de pedra foram encontradas junto aos “*moais*” que se erguem como representantes vivos de uma arte milenar que consagrou à humanidade, o poder de aproximação com o Sagrado, com seus deuses e com a Infinitude Cósmica. Ainda podemos citar os exemplos de Stonehenge, na Inglaterra; as Pirâmides de Gizé, no Egito; o Templo de Angkor, no Camboja; as ruínas de Petra (a cidade entalhada em pedra da Jordânia) e as pirâmides escalonadas da Mesopotâmia, sem esquecer o Templo de Salomão, dentre inúmeros outros exemplos de grandiosos trabalhos executados em pedra e que foram relegados à posteridade por uma geração de “maçons primitivos” que realmente levavam a sério a mística transcendental do trabalho na pedra.

**AS CORPORAÇÕES DE OFÍCIO PRIMITIVAS**

Seguindo por essa mesma linha de raciocínio, o historiador e pesquisador Nicola Aslan<sup>1</sup>, reitera que desde os tempos do rei babilônio Hamurabi (2123 a.C. – 2081 a.C.), o trabalho, principalmente na arte da construção, mas não somente nela, tem sido organizado em corporações de ofício, comportando uma hierarquia fundamental, composta por aprendizes, companheiros e mestres.

**1. *Fraternidade dos Artesãos Dionisíacos*:** após o fim do Império Babilônio, tanto o Império Romano como a Idade Média, época em que floresceu a “*Corporação dos Talhadores de Pedras*”, conservaram a mesma organização profissional. É fato conhecido a existência, ainda antes da construção do Templo de Salomão, na Ásia Menor, de uma sociedade de arquitetos e construtores que detinha o privilégio de erigir edifícios públicos. Tal associação se denominava “*Fraternidade de Artesãos Dionisíacos*”.

**2. *Collegia Fabrorum*:** Outro exemplo de confraria de construtores da chamada “Maçonaria Primitiva” são os Colégios Romanos. Fundados por Numa Pompílio, durante o século VII a.C., segundo Plutarco, cada um desses “colégios de arquitetos” estava incorporado a uma Legião Romana, para lhe construir fortificações e pontes em tempos de guerra; e templos e casas em tempos de paz.

Segundo Leadbeater<sup>2</sup>, foi desta maneira que os mistérios romanos foram levados para o Norte da Europa.

Em 43 d.C., as legiões do Imperador Cláudio conquistaram a Gália. E essas legiões se faziam acompanhar de um corpo de operários que agrupavam os pedreiros, ou talhadores de pedras, formando os “*Collegia Fabrorum*”, construtores das primeiras cidades e vilas da Inglaterra, onde, mais tarde iria repousar a base da “Maçonaria Operativa”.

---

<sup>1</sup> ASLAN (1997, p.115).

<sup>2</sup> LEADBEATER (1968, p.13).

**A MAÇONARIA PRIMITIVA**

Tais Colégios, além de serem portadores dos ensinamentos da Arte da Construção, detinham a doutrina esotérica e filosófica derivada das lições dos Antigos Mistérios.

A tese de Krause<sup>3</sup> (1781 –1832), afirma que há uma identidade entre os Collegia (colégios) romanos desde Numa Pompílio (século 7 a.C.) até as Lojas do século. Segundo a tese de Krause, quanto à forma e organização dos collegia ele tece uma analogia com as Lojas maçônicas, segundo a qual:

*- A 1ª regra era o número mínimo de 3. “Tres faciunt collegia” tornou-se uma máxima da lei civil romana. Na Maçonaria, 3 Luzes constituem uma Loja.*

*- O collegium era presidido pelo Magister, auxiliado por dois Decuriones, cujas funções eram análogas às dos Vigilantes, pois cada um presidia uma seção do collegium – ou coluna, e pelos quais as ordens do Magister eram passadas para os membros.*

*- Havia contribuições periódicas dos membros para a manutenção do collegium e sustentação de um fundo para auxílio a estranhos em necessidade, mas pertencentes à mesma ordem.*

Segundo o que se encontra em vários livros, foi um dos primeiros reis de Roma, o lendário Numa Pompílio, o fundador da primeira organização com o nome de Collegia Fabrorum. Eram instituições romanas foram de fundamental atuação nas grandes conquistas dos romanos, desde o ano 500 AC até aproximadamente 400 DC.

Não existe nenhuma comprovação de que as Guildas pudessem ser sucessoras dos Collegia Fabrorum, pois estes foram se extinguindo logo após os anos 500 e as Guildas começaram a ter as primeiras referências nos anos 900.

É natural perceber que o homem sempre construiu, seja com madeira ou com

---

<sup>3</sup> KRAUSE (1810).

pedra. A prova disso são as construções egípcias que remontam a milhares de anos antes de Cristo. E sempre que há uma aglomeração de trabalhadores também é natural que haja a formação de grupos de trabalhadores. Os que controlam esses grupos precisam instruí-los e treiná-los, isso faz com que os operários sejam separados por habilidades e competências.

Daí para surgir a necessidade de associação com o intuito de proteção da profissão e de ajuda mútua, como dos dionisíacos e dos Collegia Fabrorum, é um passo instintivo e que já vem surgindo de muitos séculos antes da era cristã.

Com o passar do tempo, outros colégios e associações de construtores foram surgindo pela Europa, dentre os quais cabe destacar:

**3. Os Comancini:** descendentes diretos dos antigos colégios romanos que se instalaram na Ilha Comancina, no Lago de Como, ao norte da Itália. A eles se deve a arquitetura romanesca e muito do renascimento posterior das Lojas da Europa. Apresentam marcante analogia com o Moderno Sistema Maçônico, pois eram organizados em Mestres e Discípulos sob o comando de um Grão-Mestre. Tinham sinais, toques, palavras de passe e juramentos de sigilo e fidelidade. Usavam aventais e luvas brancas. E entre os seus símbolos figuravam o Leão de Judá, o Nó de Salomão, o Esquadro, o Compasso, o Nível, o Fio do Prumo e a Rosa.

A chamada “Teoria Comacina”, apresentada pela Sra. Lucy Baxter, sob o pseudônimo de Leader Scott<sup>4</sup>, no livro “The Cathedral Builders”, de 1899, afirma basicamente que a guilda dos construtores comacinos seria uma ponte entre a antiga cultura clássica de Roma e a civilização medieval.

**4. Corps d’Etat:** que na França herdaram as mesmas artes operativas e mistérios internos e foram influenciados pelos mestres italianos.

---

<sup>4</sup> SCOTT (1899).

**5. Compagnonnage:** também na França, das guildas simbólicas medievais, conhecida associação de operários franceses voltada para o auxílio mútuo durante as suas viagens. Constituídos em corporações de artífices com o fim de enfrentar as corporações patronais, as quais como já foi visto eram os mestres. Os Compagnonnage baseiam sua origem em uma lenda sobre a construção do Templo de Salomão ou da catedral de Orleans.

**6. Steinmetzen:** pedreiros alemães, construtores profissionais das cidades alemãs. Usavam um sinal e um cumprimento que não podiam ser escritos e adotavam uma cerimônia de admissão secreta. Em 1275 quando do evento da continuação da construção da catedral de Estrasburgo, na Alemanha, eis que se apresenta à nossa história a organização dos Steinmetzen, que vem a significar canteiros ou entalhadores de pedra, capitaneados Pelo arquiteto e escultor Erwin de Steinbach Para a execução desse projeto foi convocada a Convenção de Estrasburgo, com o comparecimento de importantes arquitetos da Itália e da Alemanha.

**7. Guildas Inglesas:** derivam de três linhas de tradição: a dos celtas, que mais tarde se misturou com correntes de outras origens, como a dos Colégios Romanos e demais associações de construtores.

Segundo o Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia de Nicola Aslan<sup>5</sup>, guildas são associações de mutualidade formadas na Idade Média entre as corporações de operários, negociantes e outras classes. Existiram de toda espécie, sob as mais variadas denominações.

Nicola Aslan cita Lionel Vibert, que diz que esta palavra parece derivar do alemão “geiten” (valer), ou do anglo-saxão “gylsa”, que tem o mesmo sentido.

Carlos Magno emitiu um documento em 779 no qual menciona uma guilda, mas no sentido de proibi-la. O motivo alegado pelas autoridades civis é que os

---

<sup>5</sup> ASLAN (2000).

**A MAÇONARIA PRIMITIVA**

integrantes da tal guilda se reuniam somente com o fim de beberem até se embriagarem. Já os integrantes do clero eram contra porque temiam o juramento que os seus associados faziam, afinal poderiam comprometer a sua alma caso perjurassem. No fundo o que todos temiam era a proliferação das guildas, que poderiam crescer e com a força associativa ter poder político.

**A Carta de Bolonha:** no dia 08 de agosto de 1248 foi redigido por um escrivão público os “*Statuta et Ordinamenta Societatis Magistorum Muri et Lignaminis*”, mais conhecido como os “Estatutos de Bolonha”, era a submissão da sociedade dos Mestres da Construção e da Carpintaria às leis da cidade de Bolonha. Naqueles tempos um corpo de ofício para ser reconhecido pelos, digamos assim, poderes públicos tinha a obrigação de registrar e publicar seus estatutos.

As Guildas de pedreiros, ou maçons, eram as guildas dos talhadores de pedra, os quais tinham intensa atividade nas construções em geral, templos e fortificações.

No reinado de Athelstan, que foi de 924 a 927, havia um conjunto de leis chamado “Regulamento da Cidade de Londres”, que era um conjunto de Leis e regulamentos que, entre outras coisas, dizia:

*“Cada mês os membros da guilda reuniam-se num banquete no qual eram discutidos seus interesses comuns; a observação dos estatutos e outras questões semelhantes, no caso de morte de um membro, cada associado devia oferecer um pedaço de bom pão para a salvação de sua alma e cantar cinquenta salmos no espaço de um mês. Todos os participantes não deviam se filiar a nenhuma outra; eram obrigados a pôr em comum as suas afeições e os seus ódios, a vingar todo insulto feito a um de seus irmãos como se fora feito a todos”.*

Observa-se que esta citação remete às seguintes considerações:

- O texto diz que os associados se reuniam para discutir assuntos de interesse

**A MAÇONARIA PRIMITIVA**

*comum, o que é bem particular de uma associação de classe;*

*- Era em um banquete, ou seja, confraternizavam e isso custava dinheiro, então havia cotização;*

*- Fica claro a solidariedade entre eles, além de promover a irmandade provocando que todos deveriam acertar suas divergências e protegerem-se mutuamente;*

*- Não deveriam filiar-se a outra guilda, ficando claro a exigência de lealdade.*

Deve-se levar em conta que um dos grandes demandantes de construções desse período, do século X e do século XI, era a Igreja.

Desde o século IV quando o cristianismo foi adotado como religião oficial do Estado Romano, começaram as construções de mosteiros e igrejas, não obstante esses locais além de servirem para o recolhimento e orações também eram locais de grande saber, onde os monges se destacavam nas letras e nas ciências. O que se pode deduzir que isso foi de grande auxílio aos construtores que com eles conviviam. Muitas vezes os próprios monges eram os construtores.

As guildas eram uma espécie de associações profissionais e tinham certas funções em cada uma das profissões. Em particular, as guildas de maçons tinham regulamentos internos, histórias inspiradas em textos bíblicos ou fatos históricos antigos e cerimônias de cunho religioso para a entrada de aprendizes de ofício.

As guildas garantiam um suporte social importante para seus membros e sua família. Alguns historiadores afirmam que este suporte seria uma espécie de inspiração para os sistemas de previdência público ou privado. Nesse sentido, é correto afirmar que as guildas davam suporte financeiro a família do artesão falecido.

Nos séculos XIV e XV a maçonaria era em sua essência, composta por guildas no auge de suas atividades e já caminhavam com certo sucesso e apreço social. Neste período também houve um movimento cultural e científico que se

aproximou das guildas de maçons e os influenciou decisivamente. Este movimento foi denominado de Renascimento.

**8. Grêmios Mercantis:** surgidos no século XIV como associações organizadas em consequência da efervescência do espírito das Grandes Navegações, do Mercantilismo e da Renascença, além do desenvolvimento da consciência nacional nos países da Europa.

Foi nesta época que apareceram, pela primeira vez, as “Antigas Ordenanças” ou “Constituições” dos irmãos operativos, utilizadas para manter a sua unidade de espírito.

## O ESQUADRO DE LIMERICK (1507)



Um exemplo de que a Ordem pode ser muito mais antiga do que se imagina, remonta ao Séc. XVI, quando em 1830, na parte noroeste das fundações da ponte de Baal, sobre o rio Shannon, na cidade de Limerick, Irlanda, foi achado um esquadro antigo, em cujas inscrições, encontra-se gravada a data de 1507.

**A MAÇONARIA PRIMITIVA**

Mas o que mais chama a atenção, devido ao revelador uso de analogias morais a partir de instrumentos de construção, são os dizeres destas inscrições talhadas nos dois lados do instrumento:

*“I will strive to live with love and care, upon the level, by the square” (Eu me esforçarei para viver com amor e cuidado, sobre o nível e pelo esquadro)<sup>6</sup>.*

---

Acredita-se ainda que os modos de reconhecimento praticados pelos maçons tenham as suas raízes na Idade Média, quando os maçons eram os únicos artífices com permissão para viajarem de um lugar para outro do continente europeu, utilizando a sua qualidade de membro da fraternidade como carta de apresentação e recomendação para obterem trabalho.

Tantas são as controvérsias, que com o passar do tempo acabaram surgindo variadas correntes dentro da Maçonaria. A origem mais aceita e difundida, segundo a maior parte dos historiadores é a de que a Maçonaria Moderna descende dos antigos construtores de igrejas e catedrais, unidos em corporações ofício formadas sob a influência da Igreja na Idade Média.

Enfim, de todas as origens lendárias ou históricas atribuídas com tanta precipitação à Instituição Maçônica, a única passível de ser comprovada através de documentação histórica é sem dúvida a que liga a Maçonaria às confrarias medievais de talhadores de pedra.



Acesse outros trabalhos do autor:

<https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>

---

<sup>6</sup> GUILHERME (2015, p.138).

## **BIBLIOGRAFIA**

ARNAUT, António. ***Introdução à Maçonaria***. Edição revista e aumentada. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

ASLAN, Nicola. ***Uma Radioscopia da Maçonaria – Para Candidatos e Cunhadas***. 1ª ed. Londrina/PR: A Trolha, 1997.

ASLAN, Nicola. ***Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia***. 4 Volumes. Londrina, A Trolha, 2000.

GUILHERME, João. ***O Nosso Lado da Escada***. 2ª Edição. Rio de Janeiro, RJ: COP Editora, 2015.

KRAUSE, Karl Christian Friedrich. ***Sistema da Doutrina Moral (System der sittenlehre)***. Categoria: ***Filósofos da Alemanha***. Bd.I. Leipzig: C.H. Reclam, 1810.

LEADBEATER, C. W. ***Pequena História da Maçonaria***. São Paulo, SP: Pensamento, 1968.

LINHARES, Marcelo. ***História da Maçonaria: Primitiva, Operativa e Especulativa***. 2ª Edição. Londrina, PR: A Trolha, 1997.

SCOTT, Leader. ***The cathedral builders: the story of a great masonic guild***. Inglaterra: Sagwan Press, 1899.